

Título da comunicação: *Arquivo e Arte.*

Resumo:

A presente proposta de apresentação de comunicação para o Encontro Arquivos Científicos vem no âmbito da preparação de tese de mestrado em Ciências da Comunicação - Comunicação e Arte. Neste momento encontro-me a pesquisar acerca de estratégias de autenticidade que podem ser usadas na produção de arte contemporânea. Assim, com exemplos do trabalho da artista portuguesa Filipa César, cujo trabalho se centra na investigação e interpretação do arquivo de cinema da Guiné Bissau, defenderei que o uso do arquivo e de documentação histórica está no cerne dessa estratégia.

Se pudéssemos perguntar a Allan Sekula como pode um arquivo ser interpretado, ele responderia que “num arquivo a possibilidade de significação da imagem é liberada da sua contingência actual”.

O que significa, simplificando, que há uma perda de contexto, ou seja, quando se seleccionam imagens de um arquivo e se reproduzem num livro ou exposição, o significado e a especificidade do seu uso “original” pode ser evitado e tornado invisível, dando lugar a novos significados que vêm suplantar os anteriores. Sekula acrescentaria ainda que o arquivo funciona como uma espécie de “casa de limpeza” de significados, deixando os objectos à mercê de significação e apelativos a subjectividades artísticas.

Ao longo desta apresentação argumentarei que os arquivos possuem um carácter contraditório. Dentro das suas fronteiras “o significado é emancipado do seu uso” e assim, de uma forma geral, “um modelo de verdade empírica prevalece”. Se, por um lado, podemos considerar as imagens como documentos históricos, por outro, podemos tratá-las como objectos estéticos.

As formas documentais no campo da arte estão actualmente a assumir duas funções contrárias. Primeiro, representam uma estratégia de autenticidade que tem a intenção de assegurar a reivindicação do contacto da obra de arte com o

aurífico campo do político e do social. O dispositivo aqui usado é normalmente realista e pretende ser o mais transparente possível. Desta forma, o documentário é usado para provar a relevância social da arte e evidencia a sua relação orgânica com o meio político.

Porém, existe outra estratégia que entende os seus próprios dispositivos como armas epistemológicas. Neste caso, não existe qualquer intenção de retratar uma verdade autêntica, mas antes procura a mudança da 'política da verdade', na qual a representação se baseia. O conceito de 'política da verdade' é originalmente de Michel Foucault e designa a ordem social da verdade que é sempre pautada com relações específicas de poder. Poder e conhecimento relacionam-se na organização e produção de factos e na sua interpretação, e uma das suas formas de expressão é o arquivo. Assim, a questão que se coloca à prática documental no campo da arte não deve ser limitada à adequação ou precisão da respectiva representação, mas deve ser direccionada para as suas políticas internas de "produção de verdade".

Como tentativa de compreender melhor este paradigma da função do arquivo na arte contemporânea, darei como exemplo o trabalho de Filipa César, que desde 2008 se baseia no resgate e na interpretação do arquivo do Instituto Nacional do Cinema e Audiovisual (INCA) da Guiné Bissau, procurando contextualizar a sua prática com outros artistas contemporâneos internacionais do centro da Europa, como Hito Steyerl e Harun Farocki.

Tornou-se importante, para o trabalho da artista portuguesa sediada em Berlim, a divulgação deste material. Em junho de 2012, a artista assumiu a digitalização dos filmes de 16mm em Berlim com o objetivo de o devolver à Guiné-Bissau, seis meses depois. Até ao momento, ela terá inventariado cerca de 40 horas de imagens e 200 horas de som.

A análise do trabalho de Filipa César irá ajudar a colocar em perspectiva esta tendência artística, bem como abrir a discussão para assuntos relacionados com o pós-colonialismo português e a pertinência das propostas da arte

contemporânea na utilização deste património histórico como forma de autenticidade e legitimação artística.

Nota biográfica:

Sara Magno. Sara Magno é licenciada em História da Arte e Património pela Universidade de Letras de Lisboa desde 2007. Deu continuidade aos estudos na área da fotografia e vídeo no Ar.Co, Escola de Artes e Comunicação e na Gerrit Rietveld Art Adademie em Amesterdão. Em 2013 terminou o Programa de Estudos Independentes da Maumaus, Escola de Artes Visuais.

Actualmente está a frequentar mestrado em Ciências da Comunicação, Comunicação e Arte na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas em Lisboa com uma bolsa de investigação da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Profissionalmente colaborou com o Museu de Arte Contemporânea, Museu do Chiado, com a Fundação Portuguesa das Comunicações e neste momento está a colaborar com o Centro de Investigação em Arte e Comunicação na Universidade Aberta."